

A multidão entra em ação¹

228

Josefina Ludmer

Com uma obra considerável ainda não traduzida para o espanhol, Paolo Virno é um dos filósofos mais lúcidos da atualidade; pensa o presente a partir do passado e a partir do futuro. Escreve sobre a memória (pública, coletiva) do presente e sua relação com a história. E também escreve uma política futura, potencial para o presente.

Virno, que na década de 1970 integrou com Toni Negri um grupo de esquerda radical antiestatal, mais tarde fundou junto com o historiador Giorgio Agamben a revista *Luogo Comune* (Lugar comum). Hoje é um dos referentes da chamada “nova esquerda” que busca refundar uma utopia sem se opor à globalização, mas tratando de ver nela seu potencial criativo.

¹ Tradução do artigo “La multitud entra en acción” de Josefina Ludmer (originalmente publicado em janeiro de 2002 no suplemento *Cultura y Nación* do jornal argentino *Clarín*), por Felipe Pereira (autorizado pela autora).

Em seu livro *Il ricordo del presente (El recuerdo del presente)*², Virno diz: hoje a memória se manifesta explicitamente com um desocultamento radical; cada momento tem algo percebido e algo recordado. A memória pública do “modernariato” é como um *déjà vu*, uma experiência onde prevalece a impressão de que o presente carece de direção e de que o futuro está fechado. A experiência é a de uma detenção da história porque o presente assume a forma de uma lembrança/recordação, a sensação de tê-lo vivido, diz Virno. O *déjà vu* fechou uma consciência histórica e pode ser pensado como o fato histórico em que é fundada a ideia de um “fim da história”. Esse fenômeno contemporâneo do *déjà vu* é uma patologia pública que coincide, diz Virno, com a sociedade do espetáculo, porque o presente se duplica no espetáculo do presente. A lembrança/recordação do presente: uma ideia, e um estado de ânimo, que lança luz sobre o tema canônico da reflexão histórico-filosófica.

Mas a razão principal pela qual hoje pensamos na obra de Virno não é esta da memória e da história. Subitamente, no presente dos painéis, aparece um novo sujeito político na Argentina. Como pensá-lo? Quem são esses “muitos”? É a classe média que reage contra o racionamento do dinheiro (e que tem seu correspondente exato, do outro lado, nos saques); é a sociedade civil que se coloca acima ou além da “política” e assume o poder de dizer não e basta contra o Estado (contra seus poderes: o executivo, o legislativo, e o judiciário); é “a nação” com seus símbolos, a bandeira e o hino; talvez (sem saber disso, sem consciência disso) seja o primeiro protesto urbano antiglobalização na Argentina; e até poderia ser o que Virno chama de “a multidão”.

O conceito de “multidão” está em “Virtuosity and Revolution: The Political Theory of Exodus”, um artigo apresentado em inglês no livro *Radical Thought in Italy* (Pensamento radical na Itália); que o próprio Virno editou com Michael Hardt (que escreveu junto com Toni Negri, *Empire – Império –*, cuja tradução está prevista para março pela editora Paidós³). No livro, Virno diz: hoje, como ocorreu no século XVII, há que definir a partir do zero a esfera de “assuntos comuns”. Esboça

2 VIRNO, Paolo. *El recuerdo del presente: ensayo sobre el tiempo histórico*. Buenos Aires: Paidós, 2003. Título mantido em espanhol por não haver tradução ao português-brasileiro; o único livro do autor publicado no país até o momento é *Virtuosismo e revolução*. Trad. Paulo Andrade Lemos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

3 A tradução foi publicada em Buenos Aires pela editora Paidós em 2002.

então uma teoria política do futuro, radicalmente anti-hobbesiana, que se funda no êxodo como ação e na multidão como sujeito. O êxodo, diz, é um modelo de ação capaz de confrontar os grandes temas articulados por Hobbes, Rousseau, Lenin e Schmitt: mando/obediência, público/privado, amigo/inimigo, consenso/violência. Não é um protesto, mas um ato de imaginação coletiva: é a defecção em massa do Estado. As palavras-chave da política potencial do êxodo são: direito à resistência, desobediência, intemperança, multidão, *soviets*, e – oh! – milagre.

A teoria política de Virno se baseia em uma categoria pré-política: o direito à resistência, que autoriza o uso da violência cada vez que uma prerrogativa positiva é alterada pelo poder central. Esse direito redefine o papel da violência na ação política. A “desobediência civil” (por exemplo não pagar impostos, não acatar certas leis) é para Virno a condição *sine qua non* da ação política; esta desobediência é diferente da que a tradição liberal concebeu porque questiona a faculdade de mando do Estado.

O sujeito da política seria a multidão (conceito central de Virno, que Negri e Hardt usam em *Império*). A multidão se opõe ao povo, relacionado com o Estado (e, eu agregaria, sujeito da nação). Para os apologistas do poder soberano no século XVII, diz Virno, “multidão” é um conceito negativo, a entrada do estado de natureza na sociedade civil. Os cidadãos, quando se rebelam contra o Estado, são “a multidão contra o povo”, diz Hobbes. Mas esse destino negativo chega hoje a seu fim porque a multidão não é um fenômeno “natural”, mas o resultado histórico de transformações. Virno: os “muitos” irrompem em cena quando é produzida a crise da sociedade do trabalho e já não servem as dicotomias público/privado e coletivo/individual.

A multidão que resiste à obediência é uma multiplicidade sem unidade política, nunca alcança o status de pessoa jurídica, é incapaz de fazer promessas, pactos, de adquirir ou transferir direitos. E se expressa como conjunto de “minorias atuantes”, nenhuma das quais aspira ser transformada em maioria. A multidão desenvolve um poder que se nega a ser transformado em governo. O que faz a multidão, diz Virno, é obstruir os mecanismos da representação política.

A debilidade estrutural da democracia representativa é hoje a tendência fundamental à restrição da democracia. Se opor a essa

tendência a partir do valor da representação é um gesto patético. Hoje, diz Virno, democracia é a construção e a experimentação de formas não representativas e extraparlamentares: ligas, conselhos, *soviets* que reduzem a estrutura do Estado porque interferem com seus aparelhos administrativos.

A teoria do êxodo da multidão transforma a geometria da hostilidade. O “amigo” não é meramente o que compartilha o mesmo “inimigo”; é definido pelas relações de solidariedade que são estabelecidas na fuga. O que é defendido como valor é a “amizade”, porque já não interessa a conquista do poder do Estado, mas sim salvaguardar as formas de vida e as relações comunitárias. A ação da multidão: um poder somente humano, um ateísmo político, e uma dúvida radical sobre o poder constituído.

BIBLIOGRAFIA

VIRNO, Paolo. *Convenzione e materialismo*. Roma; Nápolis: Theoria, 1986.

_____. *Mondanità. L'idea di "Mondo" tra Esperienza Sensibile e Sfera Pubblica*. Roma: Ed. Manifestolibri, 1994.

_____. *Parole con parole. Poteri e Limiti del Linguaggio*. Roma: Donzelli, 1995.

_____. *Il Ricordo del Presente. Saggio sul Tempo Storico*. Turim: Bollati Boringhieri, 1999.

_____. *Gramática de la multitud. Para un análisis de las formas de vida contemporáneas*. Soveria Mannelli: Rubettino, 2001.

VIRNO, Paolo; HARDT, Michael. *Radical Thought in Italy*. Minnesota: University of Minnesota Press, 1996.